



Comunicação epistolar: análise da comunicação narrativa da primeira epístola de Paulo aos Coríntios

Epistolar communication: analysis of the narrative
communication of Paul's first epistle to the
Corinthians

*Marcos Valério Lima Reis**

FIBRA

*Waldecir Gonzaga***

PUC-Rio

Recebido em: 24/10/2022. Aceito em: 10/11/2022.

Resumo: *A primeira carta de São Paulo aos Coríntios possui uma rica e densa retórica em sua estrutura formal, como na constituição de suas partes, é de extrema expressividade, o que nos leva a perceber sua habilidade em selecionar as palavras mais apropriadas. Neste sentido, este artigo objetiva analisar as estratégias argumentativas e de persuasão do apóstolo Paulo alicerçadas pela retórica. O método utilizado para análise foi o da Análise Crítica da Narrativa, uma proposição de Luiz Gonzaga Motta (2013). Assim, inferimos que mesmo sem afirmar sua habilidade retórica, Paulo utiliza-se de estratégias na sua argumentação a fim de ornamentar e tornar mais adequado o seu discurso, diante de seu auditório.*

* Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura (Universidade da Amazônia, UNAMA, Belém, PA, 2022). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (Universidade da Amazônia, UNAMA, Belém, PA, 2012). Licenciado em Letras (Faculdade Integrada Brasil Amazônia, FIBRA, Belém, PA, 2006). Professor de Graduação e Pós-graduação do Centro Universitário Fibra, Faculdade Integrada Brasil Amazônia.

E-mail: marcosvaleriores@gmail.com.

** Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana, PUG, Roma, Itália, 2006). Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana, PUG, Roma, Itália, 2000). Licenciado em Filosofia (Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato, FACITOL, 1994). Bacharel em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo, São Paulo, SP, 1993). Bacharel em Filosofia (Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto, CEARP, Ribeirão Preto, SP, 1987). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

E-mail: waldecir@hotmail.com.





Palavras-Chave: *Epístola. Paulo de Tarso Análise da Narrativa.*

Abstract: *The first letter of St. Paul to the Corinthians has a rich and dense rhetoric in its formal structure, as in the constitution of its parts; it is extremely expressive, which leads us to perceive his ability to select the most appropriate words. In this sense, this article aims to analyze the argumentative and persuasive strategies of the apostle Paul based on rhetoric. The method used for analysis was the Critical Analysis of the Narrative, a proposition by Luiz Gonzaga Motta (2013). Thus, we infer that even without asserting his rhetorical ability, Paulo uses strategies in his arguments in order to ornament and make his speech more appropriate, in front of his audience.*

Keywords: *Epistle. Paul of Tarsus. Narrative Analysis.*

1 Introdução

A comunicação é uma necessidade do ser humano. É por meio dela que conhecemos e interagimos com nossos pares e com a sociedade; é o caminho para a construção do ser humano integral. Ao apontar a comunicação como uma necessidade pessoal e coletiva vital, nós a certificamos como instrumento de disseminação de ideias, valores, ideologias, cultura e tradição. Neste sentido, o objetivo deste artigo é analisar a comunicação epistolar nos primórdios da Igreja e seus meios de produção na propagação “τοῦ εὐαγγελίου Ἰησοῦ Χριστοῦ/da *boa nova de Cristo*”. Para tanto, lançamos um olhar atento ao processo comunicativo inserido na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios (1Coríntios) para levar à Igreja o pensamento cristocêntrico.

As cartas do Apóstolo Paulo possuem uma perspectiva de fé e centralidade em Cristo para comunicar o amor, a santidade, a libertação do pecado, a graça de Deus, os frutos da carne e do espírito, o amor ao próximo como plenitude da lei etc. Neste intuito, as epístolas paulinas se disseminaram entre as cidades onde a Igreja de Cristo estava instalada, estabelecendo uma reflexão cuja centralidade é Jesus Cristo e seus ensinamentos.

O caminho para Damasco foi um divisor de águas na vida de Paulo. Neste local, o encontro com Deus provocou intensa mudança de vida; de perseguidor, Paulo passou a ser um propagador e defensor do Cristianismo, com habilidade comunicativa desenvolvida pela ação do Espírito Santo. Paulo após sua conversão, desenvolveu um processo



comunicativo por meio de epístolas¹: dos 27 livros do Novo Testamento, 21 são cartas e epístolas, sendo 13 cartas paulinas, a carta aos Hebreus e as 7 cartas católicas. Gonzaga (2017) aponta que as “cartas paulinas formaram o primeiro conjunto dos textos do Novo Testamento estabelecido e usado pela Igreja”², legitimando o lugar de Paulo como o primeiro autor do Novo Testamento, antes dos evangelistas, o que assegura a importância e o protagonismo das cartas paulinas para a disseminação dos preceitos cristãos.

As epístolas paulinas, geralmente, não possuem um direcionamento pessoal, são escritas para uma Igreja, para serem lidas por todos, com a intenção de se comunicar com a comunidade que está ausente. Por isso, as epístolas possuem o objetivo de “suprir” o discurso oralizado, tendo em vista a ausência física do autor. As epístolas eram comuns no Antigo e no Novo Testamento, possuindo uma complexidade para chegar ao destino:

Quem não lia nem escrevia podia contratar escribas. Como não havia serviço postal para levar a correspondência privada, as cartas eram entregues aos amigos que viajavam ao local desejado ou a estranhos em quem se pudesse confiar que recebiam instruções específicas sobre onde entregar a carta, já que não havia endereços. Nessas circunstâncias, a comunicação bem sucedida requeria sorte e certa dose de persistência³.

A partir das epístolas escritas por Paulo, lançaremos um olhar por meio da Análise da Narrativa (Narratologia), a fim de perceber as estratégias argumentativas e discursivas operadas por ele na construção e composição da 1Coríntios, a fim de propagar a centralidade da fé cristã. Assim, a partir da leitura da carta, descortinaremos os meios de produção utilizados pelo autor, como a escolha das palavras, as figuras de linguagens, as ações de personagens descritas, a utilização de estratégias para

¹ Faz-se necessário inferir sobre a diferença entre carta e epístola. Podemos usar como referência A carta de Paulo aos coríntios, que será objeto central dessa pesquisa. Como podemos designar, carta ou epístola? Algumas orientações desdobram-se para explicar essa diferença, que perpassam pelo tamanho e pelo destinatário. Se for de conteúdo curto, trata-se de uma Carta, se for um texto longo, trata-se de uma epístola. Quanto ao destinatário, se for para um pequeno grupo, pode ser considerada carta, para uma comunidade inteira, trata-se de uma epístola. Baseados na própria etimologia da palavra *epistolê*, que significa uma palavra enviada: uma ordem, determinação, uma epístola, carta.

² GONZAGA, W. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, v. 21, n. 55, p. 19-41, 2017.

³ GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. São Paulo: Loyola, 1993.



consolidar a relevância de sua intencionalidade, para assim, chegarmos aos modelos estratégicos e discursivos do apóstolo na feitura de sua narrativa. O método utilizado para a análise levará em conta a narrativa inserida na produção textual da missiva. A intenção desta pesquisa está direcionada a percepção da textualidade e não no aprofundamento teológico doutrinal. Por isso, a fim de contribuir com os objetivos desta pesquisa optamos pela tradução da carta aos Coríntios, com a tradução de João Ferreira de Almeida⁴. A escolha por essa tradução justifica-se por sua Literariedade⁵.

Para compor o corpo e o objetivo recorreremos aos procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica, procedimento bastante utilizado nas ciências sociais e humanas:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapetarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.⁶

O método escolhido para a análise da 1Coríntios – a Narratologia, estabelece uma teoria, uma metodologia de Análise Narrativa, que ao mesmo tempo, se configura como possibilidade de dar conta das particularidades e diversidades de ideias, intrinsecamente e extrinsecamente a carta; buscar descortinar os recursos estratégicos utilizados por Paulo em suas relações com seus pares, com os grupos a que pertenceu e para a Igreja de Cristo.

A criação desse método de interpretação narrativa foi orientada por estudiosos como Todorov, Barthes e Genet, no final da década de 1960⁷. A Narratologia inicia com os estudos do Estruturalismo e da Semiótica

⁴ BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

⁵ Utilizamos o conceito de Literariedade como qualidade de literário. conjunto de características específicas (linguísticas, semióticas, sociológicas) que permitem considerar um texto como literário.

⁶ FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

⁷ REIS, Carlos Lopes. *Dicionário de Narratologia*. Almedina, 2000.



e têm como sedimentação, os conceitos de Platão e Aristóteles sobre *mimesis* e *diéreses*.

A Fenomenologia é parte integrante desse procedimento analítico, na possibilidade de apreender a narrativa em sua base e em suas relações. “O caminho da fenomenologia permite não apenas compreender os ajustes lógicos do discurso narrativo, mas dar significação ao contexto social e histórico”⁸.

As narrativas podem nos levar à percepção dos sujeitos que narram, ou como narram e o porquê narram. É o ambiente mediado entre o narrador e o leitor, de acordo com Ricoeur⁹. Elas podem auxiliar na interpretação e cognição do narrador, seu modo de perceber, suas exclusões, seus embates e dissonâncias que configuram o lócus de suas escolhas na produção de sua comunicação.

2 Metodologia de análise

A Narratologia indicará o percurso de análise a fim de observar como o autor da epístola dialoga com questões sociais, culturais, econômicas, literárias e religiosas. Para observar essas questões, Motta propõe a observância da narrativa. Baseando-se em três planos: da expressão, da estória e da metanarrativa.

No plano da expressão ou do discurso¹⁰, observaremos a superfície textual, como o enunciado narrativo é construído pelo narrador nas variadas linguagens (visual, verbal, sonora, gestual, multimodal etc.). No plano discursivo, observaremos os caminhos traçados pelo narrador e as indicações ao leitor, da realidade que quer enunciar na *estória*¹¹. “É

⁸ MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da Narrativa*. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

⁹ RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. MORAES FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 93-101.

¹⁰ Em Narratologia, o termo discurso aparece, geralmente, definido como domínio autônomo em relação à história, com essa distinção conceptual, pretende-se discriminar, metodologicamente, dois planos de análise do texto narrativo: O plano dos conteúdos narrados (história) e o plano de expressão desses mesmos conteúdos (discurso), planos que, entretanto, devem ser entendidos como sendo correlatos e, por isso, sustentando, entre si, conexões de interdependência.

¹¹ A rigor, o termo estória não existe na língua portuguesa, não consta nos dicionários. Neste sentido, estamos em acordo com Motta na utilização da palavra estória, para designar a narrativa cuja produção é mais inventiva que realista e, cuja intenção, é



nesse plano que a análise pode identificar o uso estratégico da linguagem para produzir o encadeamento de determinados efeitos de sentido, que possibilitem ao leitor, criar estados mentais de identificação ou repulsa, como o medo, comoção, riso, etc. A intencionalidade do narrador e suas estratégias discursivas são evidenciadas¹². Neste plano, observaremos o uso de recursos de linguagem, como a ocorrência de metáforas, hipérbolos, comparações, exclamações, interrogações, ironias etc. e o construímos sintaticamente em enunciados, à medida que o empalavraremos¹³.

No plano da *estória*, cabe o fio condutor das ações, enredo, intriga, ambientação e personagens que se atravessam, por meio sequenciais de ações, construindo de forma contínua ou descontínua a composição da *estória*. É o plano que moldura a diegese¹⁴, em que a realidade é exibida sob um universo de significados “imaginados ou mundos imaginários possíveis”¹⁵. Toda a estrutura que possibilita o entendimento da intriga por parte do leitor, está contida nesse plano que pode ser analisado independente do plano discursivo, pois, ambos são interdependentes, ou seja, embora ligados, são autônomos.

No plano da metanarrativa, fluem os valores éticos e morais, fazem parte da estrutura mais profunda da narrativa, por isso, é o mais reflexivo. As situações são construídas e integradas aos valores que o narrador quer evocar.

A análise pela metanarrativa, por ser desenvolvida no percurso do enredo e ganha visibilidade no desfecho da intriga, deve ser analisada ao final, entretanto, pode ser feita uma análise simultânea nos diversos planos. Motta informa que deve haver observações criteriosas para o início da análise:

O analista precisa determinar com exatidão o início, o desenvolvimento e o final do enredo, caso não esteja claro. Encontrar os fios que alinhavam a trama, [...] decompor e recompor a estória com rigor e identificar suas partes componentes, as sequências básicas, os pontos de virada ou inflexões essenciais, os limites dos episódios parciais, as conexões entre

remeter o leitor às subjetividades do mundo das fantasias. A palavra História é utilizada para referir a narrativa cuja produção é referencial, e cuja intenção é remeter o leitor ao referente objetivo a fim o efeito de veracidade.

¹² MOTTA, 2013, p. 137.

¹³ MOTTA, 2013, p. 63.

¹⁴ REIS, 2000, p. 108.

¹⁵ MOTTA, 2013, p. 138.



*eles, os conflitos principais e secundários, o protagonista e o antagonista principais e seus adjuvantes, como o enredo organiza a totalidade a fim de compreender como o narrador compôs a sua estória*¹⁶.

É importante para o analista estabelecer qual plano de análise será aplicado primeiro, a fim de construir a análise. Embora Motta indique que o plano da *estória* pode iniciar, ele adverte que a independência dos planos do discurso e da *estória* permite os estudos simultâneos e a liberdade por parte daquele que faz a análise. Nos três planos a operacionalidade da análise deve ser realizada dentro das indicações propostas por Motta¹⁷, que estabelece critérios de observação e percepção das narrativas, como forma de ver e perceber o mundo, por intermédio dos seus significados.

Para dar conta dos objetivos desta pesquisa, privilegiamos uma análise empírica da epístola, como uma opção metodológica, haja vista, que a carta é uma fonte inesgotável de interpretações. Não temos a pretensão de esgotar uma obra tão rica, porém, contribuir a partir dela a valorizar o arcabouço do texto bíblico. Portanto, optaremos por analisar em uma sequência que não segue o fluxo cronológico da carta, porém, visibiliza a produção literária, os recursos empregados na narrativa e seus significados.

Buscamos na narrativa de Paulo a argumentação de elementos reais, o que provoca estrategicamente o leitor, procurando envolvê-lo e produzir certos efeitos de sentido¹⁸. A linguagem possui um papel fundamental na experiência humana, ela é intrínseca ao pensamento do ser humano¹⁹. A palavra ou composição da narrativa possuem a intenção de promover, no leitor, a compreensão linguística e transformar em palavras e em enunciados a percepção proveniente de uma realidade fática vivida pelos sujeitos ou personagens. É por meio da linguagem que categorizamos as personagens, mostramos sua participação na intriga, elucidamos o seu caráter e identificamos que o ser humano só pode conhecer, conjecturar, assombrar-se, duvidar ou questionar a realidade por meio da Linguagem²⁰. Assim, lançaremos um olhar atento a esses

¹⁶ MOTTA, 2013, p. 141.

¹⁷ MOTTA, 2013, p. 144.

¹⁸ MOTTA, 2013, p. 91.

¹⁹ MOTTA, 2013, p. 63.

²⁰ MOTTA, 2013, p. 64.



recursos estratégicos utilizados por Paulo, como forma de legitimar sua fé em Cristo, seu valor humano e centralidade no amor e na verdade.

A partir do entendimento do método de análise evidenciado aqui, seguiremos um trajeto de informações para contextualizar o mundo paulino e o entendimento do gênero epistolar, a comunidade destinatária da I Coríntios, objeto de nosso estudo, assim como a formação retórica do apóstolo.

3 As epístolas e o modo de comunicar

Para entendermos as epístolas, reportamo-nos, em primeira instância, aos postulados aristotélicos e platônicos, visto que, junto às codificações de Horácio, estabeleceram a construção do pensamento sobre a Literatura e a crítica literária no mundo ocidental, ideias alicerçadas nos séculos XVI, XVII, XVIII e parte do XIX. No princípio, durante o século XVII, o entendimento de gênero é marcado pela rigidez classificatória. Ao analisar a perspectiva histórica e ao pensar em gêneros Literários, os filósofos gregos, Platão e Aristóteles, impulsionaram o entendimento dessa temática. Neste sentido, Platão apresenta seu pensamento a respeito da tragédia e da comédia. Dentro da classificação Aristotélica, os gêneros essenciais, o épico, o drama e a poesia lírica, possuem *locus* fundamental nessa composição. “A distinção estabelecida por ele apoia-se na natureza do assunto presente na obra e na estrutura formal – métrica e linguagem figurada”²¹.

A categoria gêneros é caracterizada por Horácio, inspirado no pensamento de Platão e de Aristóteles, “a partir de traços estilísticos e de variedades métricas; propõe uma rigorosa separação para os gêneros que não permitia, por exemplo, misturar, num mesmo texto, tragédia e comédia: cada uma teria o tom adequado”²².

A epístola, comumente remete à produção textual escrita pelos apóstolos a uma pessoa ou comunidade. É uma composição poética com a intencionalidade de apresentar informações de conteúdo literário, filosófico, político, moral, afetivo, entre outros. Coutinho (1987) indica que a epístola é “dirigida a alguém ausente, objetivando manter-se uma

²¹ PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 737.

²² PROENÇA FILHO, 1995, p. 737.



conversa à distância, relatando fatos de interesse mútuo²³. A espécie carta tem por características:

a) Situa-se no tempo e no espaço; b) Revela o motivo e a circunstância que levou a ser escrita; c) Apresenta um conteúdo variável (doutrinário, amoroso, familiar, didático, crítico, comercial, político, literário, reclamação, etc.); d) Implica a existência de um remetente e de um destinatário explícito ou não; e) Confidencial ou pública (constitui-se um crime de violação abrir uma carta endereçada a outrem, mas no passar do tempo poderá tornar-se pública); f) Caráter confidente; g) Caráter de cumplicidade.²⁴

Portanto, as epístolas redigidas pelos apóstolos e, aqui especificamente por Paulo a comunidade de Corinto, trazem no arcabouço de informações, elementos doutrinários e orientações acerca da fé cristã, estabelecendo uma comunicação eficaz e norteadora dos caminhos a serem seguidos por seus receptores e destinatários.

4 Paulo, as cartas, a retórica e a comunidade de Corinto

As cartas paulinas foram escritas no grego koiné padrão, como todo o Novo Testamento. O apóstolo Paulo se destacou na composição das suas cartas, criando um novo perfil para esta comunicação no mundo helênico. As cartas no Novo Testamento estão classificadas dentro de quatro modalidades:

a) Cartas genuínas de Paulo: Romanos (I e II clássicas), 1 (clássica), 2 Coríntios (clássica), Gálatas (clássica), Filipenses, 1 Tessalonicenses, Filemom; b) Cartas supostamente escritas por Paulo, mas cuja autenticidade é objeto de disputa: 2 Tessalonicenses, Colossenses (supostamente não escrita por Paulo), Efésios (supostamente não escrita por Paulo); c) Cartas pastorais: 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito; d) Cartas católicas ou gerais: Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Judas.²⁵

A epístola enviada a comunidade de Corinto possuía uma intenção privilegiada. A cidade tinha *status* de grande centro comercial e de uma

²³ COUTINHO, Afrânio. *Crítica e teoria literária*. Rio de Janeiro: Edições Universidade Federal do Ceará, 1987.

²⁴ COUTINHO, 1987, p. 796.

²⁵ GABEL; WHEELER, 1993, p. 191.



das mais importantes e produtivas cidades daquela área geográfica. Corinto ficava no território da Grécia. Sua população era diversificada com a presença de romanos, gregos, judeus e orientais, embora a população de judeus fosse bem discreta. A diversidade populacional e de funções sociais na construção do cotidiano e na manutenção da vida em Corinto estava atribuída à aristocracia que administrava a cidade, eram comerciantes e armadores, artesões. A cidade era vista como materialista, sem cultura e decadente na moralidade.

Dizem testemunhas gregas e romanas, que deixaram indicações sobre a vida da cidade, que esta era tida por muito materialista, sem cultura e muito decadente do ponto de vista moral. Uma cidade sem tradições, rica, próspera, aberta para os aventureiros à procura de uma fortuna rápida, Corinto era o teatro de uma grande exploração dos trabalhadores, sem contar a opressão permanente dos escravos. Os ricos eram muito ricos e os pobres totalmente abandonados a si próprios, isto é, à mendicidade.²⁶

Entre as diversas concepções cultivadas pela cidade, a cada dois anos, Corinto realizava os jogos “Ístmicos”. A cidade cultuava outros deuses gregos, a saber: Ártemis, Dionísio, Hélio, Hermes, Apolo, Zeus, Ísis e Eros. Esses deuses possuíam lugar de culto na sociedade de Corinto. Dentre as divindades gregas havia “Asclépio, filho do deus Apolo com uma mulher, que se tornou um curandeiro de grande fama”²⁷. O culto a essas divindades possuía forte influência pagã no comportamento da Igreja de Corinto. A diversidade populacional e os inúmeros problemas sociais e comportamentais fizeram com que a cidade fosse imprescindível para os ensinamentos de Cristo por meio de Paulo. O apóstolo chega a Corinto, pela primeira vez, aproximadamente no ano de 50 d.C. É o autor de Atos dos Apóstolos quem narra o surgimento da Igreja naquele local:

Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher, pois Cláudio havia ordenado que todos os judeus saíssem de Roma. Paulo foi vê-los e, uma vez que tinham a mesma profissão, ficou morando e trabalhando com eles, pois eram fabricantes de tendas. Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos. Depois que Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou exclusivamente à pregação, testemunhando aos judeus que Jesus era o Cristo. (At 16,2-5)

²⁶ COMBLIN, 1991, p. 11.

²⁷ COMBLIN, 1991, p. 11.



Em Corinto, o autor de Atos dos Apóstolos, passa a pregar o Evangelho para os Judeus e depois para os gentios. Nesta mesma perspectiva, na I Coríntios:

1) Paulo recebeu a visita de alguns irmãos de Corinto que o informaram acerca da existência de divisão dentro da igreja (1Cor 1:11; 16:17). 2) Nessa visita, também encontramos o segundo motivo, pois estes irmãos que o visitaram (Estéfanos, Fortunato e Acaico) levaram consigo uma carta da igreja com várias perguntas para Paulo e, por fim, 3) a preocupação de Paulo acerca do mundanismo dentro da própria igreja, ou seja, as práticas imorais e idólatras vigentes na cidade estavam penetrando na igreja e sendo prática também dos crentes de Corinto. Esses são fatores determinantes que explicam a dureza de Paulo na sua escrita.²⁸

A intencionalidade de Paulo na composição da I Coríntios possuía uma razão lógica, sua preocupação “acerca do mundanismo, as práticas imorais e idólatras vigentes na cidade estavam penetrando dentro da própria igreja”²⁹. Assim, por meio de um texto persuasivo, Paulo intenciona estabelecer reflexões acerca dos verdadeiros sentimentos de fé, do amor, da vida e da Igreja. A posição estratégica de Corinto também foi um dos motivos que levou o apóstolo à cidade. Sua área geográfica propiciava a estreitar a comunicação em comunidades circunvizinhas³⁰.

Talvez, Paulo vislumbrasse que uma cidade como Corinto, na qual passavam pessoas de vários lugares, poderia ser um centro de disseminação do evangelho, pois se os viajantes se convertessem, levariam a nova religião ao seu lugar de origem.³¹

A chegada de Paulo a Corinto e a fundação da Igreja no local não é detalhada pelo apóstolo em suas epístolas, o que apreciamos em Atos dos apóstolos é que Silas e Timóteo os acompanharam³². Paulo começa sua missão nas sinagogas, porém a partir da disseminação de seu ministério, sua rejeição entre os judeus tornava-se evidente.

²⁸ MACHADO. Chrystianni. Lucena. *A ironia na primeira epístola bíblica do apóstolo Paulo aos Coríntios*. Uma análise discursiva. João Pessoa. 2020. p. 21.

²⁹ MACHADO, 2020, p. 21.

³⁰ Sobre a visita de Paulo a Corinto ver: BORTOLINI (2008), KRUSE (2007), MURPHY-O'CONNOR (2004) e COMBLIN (1991).

³¹ MACHADO, 2020, p. 21.

³² Para alguns estudiosos o livro dos Atos dos Apóstolos não deve ser considerado a principal fonte de reconstrução histórica de Paulo, mas as informações das cartas, sobretudo as autênticas.



À medida que o ministério de Paulo se expandia, em especial entre os tementes a Deus, aumentava a inimizade dos judeus e se tornava cada vez mais difícil pregar na sinagoga; bastava ele abrir a boca para que o mandassem se calar³³.

Paulo, por motivação pessoal, sobrevivia com os recursos provenientes de seu trabalho e com as ofertas das igrejas da Macedônia. Para a composição e direcionamento deste trabalho, não aprofundaremos em detalhes sobre a relação de Paulo e a comunidade de Corinto, uma relação por vezes tumultuada. O apóstolo produziu muitas cartas a outras comunidades, o que pode servir em outras pesquisas para mapear a sua relação com seus membros. Inferimos que o estudo dessas epístolas é rico instrumento de pesquisa linguística acerca das estratégias de comunicação e persuasão. Bortolini indica que:

As cartas podem ser como um espelho no qual as comunidades de todos os tempos se contemplam e se avaliam. De algum modo elas falam também para as comunidades de hoje, respeitadas as distâncias e tendo em conta que o Espírito. é o mesmo no passado e no presente³⁴.

As missivas de Paulo aos Coríntios constituem-se em um arcabouço estratégico de retórica e narrativa com o objetivo claro de doutrinação da centralidade de Cristo por meio da sua autoridade apostólica. As cartas apresentam-se como intenso instrumento para os estudos da língua e de suas estratégias da persuasão e dos recursos retóricos imersos na sua produção textual.

As cartas enviadas por Paulo às Igrejas cristãs eram lidas/ouvida por e para toda a comunidade, ação que permitia que seus ensinamentos chegassem àquelas comunidades quando não era possível visitá-las. Os textos redigidos eram instrumentos de evangelização e de formação, disseminados para toda a comunidade, como relata aos Colossenses: “Depois que esta carta tiver sido lida entre vós, fazei-a ler também na Igreja de Laodiceia. Lede vós também a que escrevi aos de Laodiceia” (Cl 4,16). Não havia, por parte de Paulo, intenção em promover seus textos como documentos históricos ou até mesmo

³³ MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 270.

³⁴ BORTOLINI, José. *Introdução a Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 79.



literários. Para Alter e Kermode³⁵ as missivas escritas pelo apóstolo possuíam um caráter ocasional, inferindo sobre fatos e situações ocorridas nas comunidades.

*As cartas de Paulo são todas de ocasião. Elas tratam de diversas situações e problemas locais, e formulam diversas doutrinas, cujas implicações têm ocupado seus sucessores desde então. Pode-se considerar que ele não se preocupou profundamente com questões de estilo, embora às vezes se eleve a uma grande eloquência e força poética [...]*³⁶.

Para além de seus ensinamentos, suas cartas constituíram-se em “documentos históricos, sociais e religiosos, que dizem respeito a toda cristandade”³⁷. É importante perceber, que na composição textual, há uma liberdade de escrita proporcionada pelo gênero textual utilizado. O gênero epistolar permite-lhe certa organização na exposição da doutrina cristã, perceptível nas cartas enviadas aos Gálatas e aos Romanos. O autor dos Atos dos Apóstolos utiliza o caráter dialógico desse gênero para expor e refletir sua tese doutrinária permitindo uma conversa com seu interlocutor. É possível perceber que a liberdade temática das epístolas se constrói a partir de situações vividas e discutidas pela comunidade.

*Na primeira carta aos Tessalonicenses e nas duas aos Coríntios, a estrutura parece ser mais elástica, pois as sucessões de argumentos se dão de acordo com as situações concretas da comunidade e não por um programa temático unitário*³⁸.

O que sobressai na feitura das cartas é a comunicação eficaz com que Paulo direciona seu estilo literário aos seus receptores ou destinatários. Diante disso, a intenção desses escritos estaria ligada as exposições de pensamentos e reflexões, assimilados a partir do conhecimento das mazelas e problemas sociais vivenciados pelo povo. Paulo percebe, entende e promove uma argumentação peculiar fruto de sua verve cristocêntrica.

³⁵ ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 412.

³⁶ ALTER; KERMODE 1997, p. 412.

³⁷ FABRIS, Rinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 90.

³⁸ FABRIS, 1996, p. 92.



Mesmo utilizando os serviços de um amanauense³⁹, Paulo escrevia o final de suas epístolas para lhe garantir legitimidade: 1Cor 16,21: “a saudação é de meu próprio punho: Paulo”; Gl 6,11: “Vede com que letras grandes eu vos escrevo, de próprio punho”; Cl 4,18: “A saudação eu, Paulo, a faço de próprio punho”; Fm 1,19: “eu, Paulo, escrevo de meu próprio punho”; 2Ts 3,17: “A saudação é de meu próprio punho, Paulo. Este é o sinal que distingue minhas cartas. Aí está a minha letra”. Na carta endereçada aos romanos, o próprio amanauense Tercio relata sua atividade: “Eu, Tércio, que escrevi esta carta, saúdo-vos no Senhor” (Rm16,22). Na composição textual existe uma estrutura argumentativa que inicia desde o endereçamento e saudação até o seu encerramento.

O apóstolo Paulo, possui intensa formação a partir de sua vivência em sua cidade de nascimento e em Jerusalém, na escola da Gamaliel. A percepção de um testemunho forte, de uma oratória invejável, características que são evidenciadas em seus discursos e proclamação do Evangelho e uma retórica. Martin “reconhece nele a figura do retórico competente e eficaz, que sabia exatamente o que estava a fazer.”⁴⁰ Muitos estudiosos do apóstolo reconhecem sua excelência e competência:

*ao reconhecer-lhe a competência de uma mestria retórica bem acima da que muitos se têm disposto a admitir; um Paulo verdadeiramente socrático na defesa de uma retórica filosófica, cuja causa é exclusivamente a defesa da verdade e da realidade do Ser.*⁴¹

Paulo possuía uma estratégia na argumentação e exposição da fé cristã. Seus discursos e epístolas evidenciam a competência na utilização de elementos retóricos. O autor de Atos dos Apóstolos sabia usar esses elementos para aproximar e legitimar sua fé. Para Reboul (2004)⁴², a argumentação se distingue da demonstração por cinco fatores: “1) dirige-se a um auditório; 2) expressa-se em língua natural; 3) suas premissas são verossímeis; 4) sua progressão depende do orador; 5) suas conclusões são sempre contestáveis”⁴³.

³⁹ Todo aquele que copiava textos ou documentos à mão. A palavra *amanuense* provém do latim *amanuense*. Escrevente e copista são sinônimos de *amanuense*.

⁴⁰ MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 110.

⁴¹ MARTIN, 1991, p. 1132.

⁴² REBOUL, Oliver. *Introdução a Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

⁴³ BORTOLINI, 2008, p. 80.



5 Estratégia e argumentação: análise da narrativa epistolar

Paulo foi intérprete da fé cristã e estava “sempre alerta aos problemas de suas comunidades da Ásia e da Europa”⁴⁴. É imperioso destacar o valor epistemológico das cartas e sua inesgotável interpretação. Os relatos que chegam ao apóstolo servem de subsídios utilizados para inferir sobre as divisões dos membros da Igreja em Corinto, a imoralidade sexual a partir dos padrões judaico-cristãos, entre outros assuntos debatidos no eixo central da missiva. A 1Coríntios possui a seguinte estrutura⁴⁵:

Introdução (1,1-9)

Corpo da carta(1,10-15,58)

I. Divisões na comunidade (1,10-4,21)

II. A questão do incesto (5,1-13)

III. Questões entre os membros da comunidade (6,1-20)

IV. Matrimônio e virgindade (7,1-40)

V. As carnes imoladas aos ídolos (8,1-11,1)

VI. Abusos nas assembleias litúrgicas (11,2-34)

VII. Os carismas (12,1-14,40)

VIII. A ressurreição (15,1-58)

Conclusão (16,1-24)

A 1Coríntios é uma fonte inesgotável de ensinamentos da centralidade de Cristo, do amor ao próximo, e da busca incessante por uma Igreja que afirme um caminho cristocêntrico. Para não cair no vazio e na superficialidade de uma análise, delimitaremos trechos da epístola. Para esta pesquisa, selecionamos trechos da 1Coríntios que indicam e legitimam a força comunicativa e o emprego retórico em sua composição. Analisaremos por meio da Narratologia os seguintes excertos, a saudação, ação de graças, divisões na comunidade (1Cor 1,10-4,21), questões entre os membros da comunidade (1Cor 6,1-20) e o hino ao Amor (1Cor 13,1-13). Para melhor analisar a narrativa separaremos por quadro os textos selecionados.

⁴⁴ BARBAGLIO. Giuseppe. *As Cartas de Paulo (I)*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 21.

⁴⁵ Texto publicado a partir de estudos da primeira Carta de Paulo aos Coríntios pela Conferencia episcopal italiana 2021 ver: (www.conferenciaepiscopal.pr/biblia).



5.1 Quadro 01– Saudação (1Cor 1,1-3)

Paulo, chamado a ser apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, e o irmão Sóstenes, à Igreja de Deus que está em Corinto, aos que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, juntamente com todos os que invocam, em qualquer lugar, o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: a vós, a graça e a paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

No texto de saudação, Paulo indica seu pertencimento como apóstolo sob a vontade de Deus e, especificamente, assume o protagonismo de levar à Igreja de Corinto o ensinamento de Cristo. É a sua legitimação diante da comunidade. O apóstolo também destaca a figura dos membros do corpo da comunidade que na santidade de seus atos promovem a centralidade de Cristo. A intencionalidade desta saudação coloca em relevo a figura do apóstolo como membro legítimo da Igreja, a santidade da comunidade pelas ações, realça e evidência a graça e a paz na certeza das bençãos de Deus e de Jesus Cristo. Paulo assume a sua posição cristã tomando como legitimação o amor de Deus. Evidencia o seu lugar e a condução da Igreja, toma para si a responsabilidade do ensinamento e do exemplo por meio da sua vivência e do amor a Cristo. Pode-se destacar neste trecho palavras de efeito ou estratégicas, como recursos de argumentação e legitimação do discurso, a saber: chamado a ser apóstolo de Cristo; Deus que está em Corinto; santificados; graça e a paz.

5.2 Quadro 02 – Ação de graças (1Cor 1,4-9)

Dou sempre graças ao meu Deus a vosso respeito, pela graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus. Porque nele fostes em tudo enriquecidos: em toda a palavra e em todo o conhecimento. Deste modo foi confirmado em vós o testemunho de Cristo, de tal forma que não vos falta carisma algum, a vós que aguardais ansiosamente a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. É também Ele que vos manterá firmes até ao fim, para serdes irreprensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, por quem fostes chamados para a comunhão do seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.



No texto que infere a ação de graças ao leitor, o apóstolo devota sua gratidão à missão por meio da graça dada por Deus e sublinha o enriquecimento da palavra e do conhecimento. O direcionamento da palavra e do conhecimento são dados aos membros da comunidade de Corinto por meio dos carismas. O apóstolo orienta a manutenção da fidelidade a Cristo produzir a firmeza na fé a Cristo. Paulo aponta o chamado de Deus como instrumento de legitimação da fé Cristã. É possível evidenciar neste trecho, termos utilizados por Paulo que nos remete ao poder retórico de sua epístola: *graça de Deus; palavra e conhecimento; carisma; fiel é Deus; chamado para a comunhão*.

Logo de início, na introdução da epístola, percebem-se as características do apóstolo quanto a seu pertencimento, membro legítimo da Igreja e como disseminador do amor a Cristo que, por meio da santidade promoverá graça e paz. Evidencia a fidelidade de Deus, a palavra e o conhecimento que, por meio de seus carismas, são chamados à comunhão a Cristo e aos irmãos.

Ao analisarmos pelo plano da expressão ou do discurso⁴⁶, observamos a superfície textual, como o enunciado narrativo é construído nas variadas linguagens. Observamos os caminhos traçados pelo narrador e as indicações ao leitor, da realidade que quer enunciar na *estória*. Por esse trecho, percebemos o uso estratégico da linguagem para produzir o encadeamento de determinados efeitos de sentido, que possibilitem ao leitor, criar estados mentais de identificação ou repulsa. A intencionalidade do narrador e suas estratégias discursivas começam a ser evidenciadas nesse introito.

5.3 Corpo da Carta (1Cor 1,10-15,58)

Por meio do *corpus* da epístola, evidenciamos neste tópico, os aspectos sociais, culturais inseridos no plano da *estória*. Nesta análise, perceberemos o fio condutor das ações, enredo, intriga, ambientação e personagens que se atravessam, por meio sequenciais de ações, construindo de forma contínua ou descontínua, a composição da *estória*.

⁴⁶ O termo “discurso” aparece aqui definido como domínio autônomo em relação à história.



5.4 Divisões na comunidade (1Cor 1,10-16)

Quadro 03 – Denúncia das divisões

Exorto-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, a que tenhais toda a mesma linguagem e não haja divisões entre vós, permanecendo unidos no mesmo modo de pensar e de entender. Com efeito, meus irmãos, fui informado a vosso respeito, pelos de Cloé, de que existem discórdias entre vós. Digo isto porque, entre vós, um diz: «Eu sou de Paulo»; outro: «Eu sou de Apolo»; outro: «Eu sou de Cefas»; e outro: «Eu sou de Cristo». Estará Cristo dividido? Porventura foi Paulo quem foi crucificado em favor de vós, ou foi no nome de Paulo que fostes batizados? Dou graças a Deus porque não batizei nenhum de vós, a não ser Crispo e Gaio, para que ninguém possa dizer que fostes batizados no meu nome. Batizei também a casa de Estéfanos; de resto, não sei se batizei mais alguém.

O apóstolo possuía informações sobre as desavenças e as mazelas sofridas pela comunidade em Corinto. Tinha a intencionalidade de levar a Palavra de Cristo e harmonizar as relações entre os membros da comunidade. Para isso, no primeiro trecho acima, pede que tenham o mesmo pensamento, a mesma linguagem e que a unidade seja estabelecida para uma vida plena em Cristo. É enfático ao promover o nome de Cristo na condução da reflexão. É explícita a intenção da promoção de um único pensamento e harmonia nas relações entre a comunidade. Tomando como estratégia argumentativa, o questionamento, se Cristo está dividido. Evidencia a iniciação cristã por meio do batismo e o estabelecimento da centralidade de Cristo. Paulo assevera o batismo em Cristo e consolida estrategicamente o amor de Cristo, na pergunta: “foi no nome de Paulo que fostes batizados?”. O apóstolo coloca-se em um plano secundário, porém, com a legitimação da Palavra que, por meio de Cristo leva ao povo de Corinto. Paulo produz significados para a narrativa de divisão do povo de Corinto. Assim, essa narrativa produz forma de ver e perceber o mundo por intermédio dos seus significados.



5.5 A questão do incesto (1Cor 5, 1-8)

Quadro 04 – A denúncia e condenação de um caso

Por todo o lado se ouve dizer que há promiscuidade entre vós, e uma promiscuidade de tal ordem que nem entre os pagãos existe: um de vós tem uma relação íntima com a mulher do seu pai. E vós continuais arrogantes! Não devíeis antes lamentar-vos, para que seja retirado do meio de vós quem pratica tal ação? Pois eu – ausente em corpo, mas presente em espírito – já julguei, como se estivesse presente, quem assim agiu: no nome do nosso Senhor Jesus – estando vós e o meu espírito reunidos com o poder do nosso Senhor Jesus – que tal homem seja entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor. Não é boa a vossa vanglória. Não sabeis que um pouco de fermento fermenta toda a massa. Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, uma vez que sois pães ázimos. Pois Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Por isso, festejemos não com fermento velho, nem com fermento de malícia e de maldade, mas com ázimos de sinceridade e de verdade.

Neste trecho, o plano da metanarrativa é evidenciado. Percebe-se que fluem os valores éticos e morais, o que faz parte da estrutura mais profunda da narrativa, por isso, é o mais reflexivo. As situações são construídas e integradas aos valores que o narrador quer evocar. Temas como, “fidelidade, fé, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração, corrupção, exploração, traição, temor à morte, temor a Deus, o crime não compensa, o herói”⁴⁷ ou a sanção que a personagem recebe no desfecho da intriga. O diálogo de Paulo sobre a incidência de promiscuidade na comunidade é feita por meio de comparações, “e uma promiscuidade de tal ordem que nem entre os pagãos existe” (1Cor 5,1). As metáforas utilizadas pelo apóstolo direcionam o caminho proposto ao povo por meio das narrativas construídas, “Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, uma vez que sois pães ázimos. Pois Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Por isso, festejemos não com fermento velho, nem com fermento de malícia e de maldade, mas com ázimos de sinceridade e de verdade” (1Cor 5,7-8). Desta forma, percebe-se que a constituição dessa narrativa é uma estratégia argumentativa, um dispositivo de

⁴⁷ MOTTA, 2013, p. 138.



linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. O narrador produz certos efeitos de sentido por meio da narrativa. A utilização estratégica ao inserir figuras de linguagens, posiciona o leitor na compreensão concreta de conceitos mais abstratos, são interpretadas com melhor facilidade produzindo reflexão⁴⁸. O elemento empregado pela narrativa de Paulo possui o objetivo de dar sentido e conseguir efeitos desejados. Neste sentido, a narrativa está ancorada em fatos no real. No excerto, Paulo lança mão de recurso que podemos perceber pelo plano de expressão⁴⁹, nele percebe-se o uso de recursos de linguagem, como a ocorrência de metáforas, hipérboles, comparações, exclamações, interrogações, ironias etc. O grau de verossimilhança ou de fantasia está ligado à intencionalidade do autor e evidencia a reflexão sobre, “fidelidade, fé, confiança no futuro, felicidade, revolução, conspiração, corrupção, exploração, traição, temor à morte, temor a Deus”. Paulo é incisivo na elaboração de seu discurso, sabe utilizar as estratégias para persuadir e influenciar.

5.6 Palavra da cruz, sabedoria e poder de Deus (1Cor 1,19-25)

Quadro 05:

De fato, Cristo não me enviou a batizar, mas a anunciar o evangelho; não, porém, com sabedoria de palavras, a fim de não se esvaziar a cruz de Cristo. Com efeito, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem; mas, para os que são salvos – para nós – é poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e anularei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o doutor da lei? Onde está o que investiga as coisas deste tempo? Porventura Deus não tornou louca a sabedoria do mundo? De fato, uma vez que o mundo, na sabedoria de Deus, não conheceu Deus por meio da sabedoria, aprovou a Deus salvar os que acreditam por meio da loucura da pregação. Enquanto os judeus pedem sinais, e os gregos procuram sabedoria, nós proclamamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos. Mas para os que foram chamados, sejam eles judeus ou gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus; porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

⁴⁸ ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica: meios de descobrirem verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1994.

⁴⁹ MOTTA, 2013, p. 64.



O apóstolo, conhecedor das mazelas existentes na comunidade de Corinto, aponta para a separação que existe entre seus membros e enfatiza que essa postura separatista é oposta aos ensinamentos do Evangelho, *palavra da cruz*. A argumentação de Paulo textualiza o batismo como sacramento de confirmação da fé e do Evangelho. Assim, aponta que nem a intelectualidade dos homens sábios e nem as ciências, como a Filosofia e a Retórica, justificam ou explicam a sabedoria de Deus. A sabedoria indicada em seu argumento é a da cruz. A construção argumentativa de sua retórica está no alicerce da sabedoria de Deus. A estratégia textual é descrita por meio de comparação, a saber: “[...] porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1,25) e os exemplos históricos como no trecho “[...] Enquanto os judeus pedem sinais, e os gregos procuram sabedoria, nós proclamamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos. [...]” (1Cor 1,23). Paulo coloca em relevo os recursos estratégicos na sua argumentação por meio de antíteses, *sabedoria x loucura*, “De fato, uma vez que o mundo, na sabedoria de Deus, não conheceu Deus por meio da sabedoria, aprovou a Deus salvar os que acreditam por meio da loucura da pregação” (1Cor 1,21). A utilização de antítese produz a persuasão desejada por Paulo na ampliação do ensinamento do Evangelho, com palavras de efeitos: batismo, loucura, sabedoria e poder, que são estratégias na retórica para sedimentar sua ideia.

5.7 Apelo a deixar-se guiar pela sabedoria divina (1Cor 3,18-23)

Quadro 06 – Apelo a deixar-se guiar pela sabedoria divina

Que ninguém se engane a si mesmo: se alguém de entre vós, segundo os critérios deste tempo, pensa ser sábio, torne-se louco para se tornar sábio, porque a sabedoria deste mundo é loucura perante Deus. De fato, está escrito: Ele apanha os sábios na sua astúcia; e ainda: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, sabe que são fúteis. Assim, que ninguém se glorie nos homens; pois tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas; seja o mundo, seja a vida, seja a morte; sejam as coisas presentes, sejam as que estão para vir. Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus.

Após relacionar a antítese “loucura e sabedoria”, o apóstolo enfatiza sua tese, “porque a sabedoria deste mundo é loucura perante Deus” (1Cor 1,19). Neste trecho, Paulo promove a desconstrução da sabedoria



do mundo para enfatizar a Deus como fonte de toda a sabedoria. Assim, é nítido que “[...] Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus [...]” (1Cor 1,22-23). As provas intrínsecas da retórica se estabelecem pelas relações psicológicas, com a intenção de persuadir. Paulo usa a afetividade, o sentimento para concretizar seu argumento: “[...] vós sois de Cristo” (1Cor 1,23). Uma das estratégias de argumentação da retórica está em estabelecer ligação para aproximar elementos numa relação a fim de estruturá-los em uma forma de valorização positiva ou negativa. Neste sentido, Paulo promove a ligação constante e centralizada de Cristo como Deus: “Cristo é de Deus” (1Cor 1,23), tese que unifica seu trabalho como apóstolo e propagador de Cristo.

5.8 Hino ao amor (1Cor 13,1-13)

Quadro 07 – Hino ao amor

Ainda que fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que ressoa ou um címbalo que retine. Ainda que tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que tenha toda a fé, ao ponto de mover montanhas, se não tiver amor nada sou. Ainda que distribuisse todos os meus bens e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor de nada me serviria. Amor é paciente, o amor é bondoso, não é invejoso, o amor não é soberbo, não é arrogante, nada faz de vergonhoso, não procura o próprio interesse, não se irrita, nem guarda ressentimento, não se alegra perante a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, a tudo resiste. O amor jamais passará, ao passo que as profecias hão de acabar, as línguas calar-se-ão e o conhecimento desaparecerá. Pois é parcialmente que conhecemos e parcialmente que profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, o que é parcial há de acabar. Quando era criança, falava como criança, entendia como criança, pensava como criança; quando me tornei homem, acabei com as coisas de criança. De fato, agora vemos através de um espelho, de modo confuso; depois veremos face a face. Agora conheço parcialmente; depois conhecerei plenamente, tal como fui conhecido. Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior delas é o amor.

A centralidade do amor como fonte de vida e vocação está claramente amplificada neste excerto da epístola. Para o apóstolo, o amor é



o sentimento de realização, a ausência dele provoca a ausência de uma vida baseada na centralidade de Cristo. Várias são as formas de interpretar o amor; amor-erótico, relacionado à sexualidade; o amor-filia, que compreende a amizade; e o amor-ágape, que está intimamente relacionado à caridade. É deste que Paulo aponta em sua epístola. Legítima o amor como o maior dos sentimentos, “[...] agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior delas é o amor” (1Cor 13,13). Para enunciar o amor, Paulo utiliza uma estratégia argumentativa elaborada a partir de comparação e ampliação, o que possibilita dentro da narrativa o conhecimento do ser humano em seu processo de vida, suas representações e seus modos de expressão, ideologia, sentimento, interesse e como olhar e perceber o mundo induz seu leitor a compreender o sentido da vida pelo filtro do amor, para, podermos perceber o posicionamento, a relação de poder e a intencionalidade do narrador.

Os adjetivos qualificando o amor possuem denso valor ético e humano, como vemos nas frases: “[...] Amor é paciente, o amor é bondoso, não é invejoso, o amor não é soberbo, não é arrogante” (1Cor 13,4). Também procura pelo adjetivo negativo para compreender a intensidade do amor, “[...] nada faz de vergonhoso, não procura o próprio interesse, não se irrita, nem guarda ressentimento[...]” (1Cor 13,5). Paulo enfatiza, para atingir, a persuasão de seu auditório, uma relação de palavras que, colocadas em uma disposição dentro do texto, produzem sentidos. As situações são construídas e integradas aos valores que o narrador quer evocar como, valores sociais, políticos, ideológico e humano. Percebemos, pelo plano da metanarrativa, uma estratégia em evidenciar os valores éticos, sociais e morais, instrumentos que fazem parte da estrutura mais profunda da narrativa, por isso, é o mais reflexivo.

Conclusão

As cartas redigidas pelo apóstolo Paulo possuem no arcabouço de seu conteúdo inúmeras interpretações, justificadas pela intencionalidade de cada uma delas que são dirigidas a diversas comunidades, com particularidades inerentes a relação da atividade de Paulo como propagador da centralidade de Cristo. A textualidade da composição da 1Coríntios é resultado de uma densa riqueza vocabular, uma variedade de figuras e imagens que são disponibilizadas ao longo de suas inferências. Paulo buscava a clareza de expressão estilística, o que evidenciava em suas epístolas uma harmonia entre o texto e o conteúdo apresentado.



Para entender o poder da retórica instituída por Paulo em fragmentos da sua 1Coríntios, é necessário um olhar atento por meio dos estudos contemporâneos, como o da Análise crítica da Narrativa, método utilizado para legitimar a retórica do apóstolo inserida nos diversos textos. Percebemos que os ensinamentos doutrinários de Paulo sobre a vida da comunidade de Corinto, pode ter influenciado na sua negativa da utilização da retórica em suas missivas. É necessário apontar que o discurso empregado na composição da 1Coríntios possui um caráter polissêmico.

A construção da narrativa de análise deste artigo é periférica, entretanto buscou destacar que o apóstolo, mesmo afirmando ao contrário, possuía uma estratégia argumentativa e discursiva embasada na retórica, comprovada pela utilização de diversos mecanismos textuais e de conteúdo em suas epístolas, como a utilização de elementos históricos, comparações, dissonâncias, antíteses, linguagens proveniente da realidade que quer enunciar na *estória*. Além da permanente organização dos sintagmas e uma apurada técnica de estilo como a repetição, o paralelismo, a sinonímia e a amplificação.

Paulo utiliza a linguagem para produzir o encadeamento de determinados efeitos de sentido, que possibilitou ao leitor, criar estados mentais de identificação. Assim, a realidade é exibida sob um universo de significados “imaginados ou mundos imaginários possíveis”⁵⁰.

Diante das evidências da utilização destes elementos, podemos certificar que Paulo utilizou e era conhecedor dos elementos retóricos e indicar que existe uma tessitura estratégica e argumentativa na narrativa de sua 1Coríntios. Os elementos retóricos são vistos nos fragmentos de maneira enviesada e imbricadas que alicerçam suas estratégias de argumentação. Por fim, consideramos que a 1Coríntios, possui uma rica e densa retórica em sua estrutura formal, como na constituição de suas partes. É de extrema expressividade, o que nos leva a perceber a habilidade do apóstolo em selecionar as palavras mais apropriadas, a fim de ornamentar e tornar mais adequado o seu discurso, diante de seu auditório.

Referências

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.

⁵⁰ MOTTA, 2013, p. 138.



BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

FABRIS, Rinaldo. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.

BORTOLINI, José. *Introdução a Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, 2008.

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo (I)*. São Paulo: Loyola, 1989.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e teoria literária*. Rio de Janeiro: Edições Universidade Federal do Ceará, 1987.

FÍUZA, Mário. *Introdução ao estudo do texto literário*. Porto: Porto, 1954.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura: uma introdução*. São Paulo: Loyola, 1993.

GONZAGA, W. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, v. 21, n. 55, p. 19-41, 2017.

MACHADO, Chrystianni Lucena. *A ironia na primeira epístola bíblica do apóstolo Paulo aos Coríntios*. Uma análise discursiva. João Pessoa, 2020.

MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemom*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

MAIA, João Domingues. *Literatura: textos e técnicas*. São Paulo: Ática, 1985.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

REIS, Carlos Lopes. *Dicionário de Narratologia*. Almedina, 2000.

REBOUL, Oliver. *Introdução à Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Marieta (org.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.



PROENÇA FILHO, Domicio. *A linguagem literária*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica: meios de descobrira verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1994.